

Empresários preocupados com porto de P. Delgada Graneleiros há vários dias fora do porto para descarregar e rebocador fretado por 20 mil euros

Os empresários da ilha de S. Miguel estão preocupados com a situação que se vive no porto de Ponta Delgada, onde uma série de constrangimentos causou nos últimos dias vários prejuízos.

“O Porto de Ponta Delgada, por onde passa quase 80% da carga para os Açores, não dá para as encomendas e possui equipamentos avariados e obsoletos, fruto do desinvestimento que os governos fizeram durante estes anos”, acusa um empresário de Ponta Delgada, que diz ter sido bastante afectado nos últimos tempos com os problemas que aquele porto enfrenta.

Um graneleiro com milho esteve parado fora do porto desde o dia 21, porque não havia lugar para descarregar, devido aos inúmeros barcos de cruzeiros, ao mesmo tempo, atracados em Ponta Delgada.

Para além do graneleiro com milho, destinado à Finança, segundo a nossa fonte, e que só entrou no dia 2, um outro navio abrigado nas Capelas, o “Souselas”, tinha 20.000 toneladas de clínquer para a Cimentação, chegou no dia 23 pelas 11:00 e

ninguém sabia quando iria atracar para a respectiva descarga.

“Provavelmente lá para o Santo Cristo”, comenta a mesma fonte.

“Estes prejuízos são impossíveis de suportar e, pior ainda, para descarregar é preciso fretar um rebocador vindo de outra ilha”, acrescenta.

Com efeito, veio do Faial o rebocador São Luís, “numa despesa superior a 20 mil euros”, porque o rebocador da Praia da Vitória, o “Bravo”, está avariado há algumas semanas.

Por este motivo o navio “Cielo de Capri”, transportando fuel, não pôde descarregar na Terceira e veio para São Miguel onde descarregou esta semana, adianta ao nosso jornal a mesma fonte.

PS diz que culpa é do actual Governo

“Há já vários meses que o PS de São Miguel tem vindo a alertar para os problemas que afectam o porto de Ponta Delgada”, lê-se numa nota do PS enviada ao nosso jornal.

“Os constrangimentos que afec-



tam o maior porto regional resultam, obviamente, em pesados encargos para a economia de São Miguel. Quem governa tem necessariamente a responsabilidade de encontrar soluções e evitar que infraestruturas críticas sejam sujeitas a constrangimentos que penalizam a actividade económica. Infelizmente, também neste domínio, o Governo não se tem revelado capaz de ser parte da solução”, observou o Secretário Coordenador do PS São Miguel.

Para André Franqueira Rodrigues, “a ilha de São Miguel está a ver afectada a normal capacidade de abastecimento de matérias-primas e mercadorias e o Governo continua sem apresentar um plano e uma previsão rigorosa de quando estará o porto a funcionar na sua plenitude”.

Para o Secretário Coordenador do PS São Miguel, “as notícias de que

estão dois navios há mais de uma semana a aguardar para descarregar no porto de Ponta Delgada são ilustrativas da inacção de um Governo que já teve tempo mais do que suficiente para encontrar soluções. Mais do que focar-se em procurar responsabilidades alheias, exige-se que o Governo assumira as suas responsabilidades e, conjuntamente com a empresa Portos dos Açores, esclareça os empresários micaelenses das medidas que serão implementadas e o tempo que efectivamente levarão a ser concretizadas”.

“Os micaelenses esperam soluções por parte de quem tem a responsabilidade de governar. A actividade económica necessita de clareza e previsibilidade e não de sucessivos adiamentos e remendos, resultado de falta de planeamento e de manifesta impreparação”, concluiu.

Mário Fortuna defende ampliação do porto com segundo molhe

O Presidente da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada afirmou ao nosso jornal que os “constrangimentos no porto de Ponta Delgada resolvem-se oferecendo mais e/ou melhor capacidade logística do porto, assente em capacidade de atracagem para cada função que o porto vende e capacidade de processamento de cada navio, tendo em conta a sua função”.

Para Mário Fortuna, “se vendemos serviços de restauração temos de ter a devida capacidade de infraestrutura e logística para o efeito, caso contrário perdemos clientela. Se vendemos serviços portuários, em monopólio, mesmo que lógico, temos de ter capacidade quer em termos de espaço de atracagem quer em termos da logística de atracagem e de descarga e carga. Se assim não for, o que devia ser uma infraestrutura ao serviço da competitividade passa a ser um constrangimento ao desenvolvimento”.

Sobre os equipamentos obsoletos, falta de rebocadores e de investi-



mentos, o líder dos empresários não hesita: “É por demais evidente que o porto de Ponta Delgada foi, durante muitos anos, relegado ao abandono, até que uma tempestade o colocou em perigo extremo, destruindo, inclusive, a sua ponta e fragilizando o molhe central. Foi preciso um evento extremo para alertar os responsáveis para uma situação crítica. A intervenção realizada reconstituiu o que havia antes com um pequeno acréscimo de terraplano e mais um pequeno acréscimo de linha de cais.

Estas parcas melhorias de nada serviram recentemente com a relegação de dois graneleiros para uma longa espera de mais de uma semana para poder atracar e de outros constrangimentos de atracagem que culminaram na requisição por mais de 20 mil euros de um rebocador que teve de vir da Horta (porque o da Terceira estaria avariado). Já não são novidades os constrangimentos dos equipamentos do porto de Ponta Delgada - ora são os guindastes que estão todos avariados ora são os rebocadores que não são suficientes para assegurar a operação dos navios que demandam este porto. Algo vai mal e está a prejudicar a competitividade do porto de Ponta Delgada e de todos os agentes económicos que dele dependem, inclusive a população que, na ponta final, irá pagar caro por isso, na forma de preços mais elevados. A competitividade das infra-estruturas é fundamental para a competitividade da economia e para o bem-estar das populações. Saímos todos, consumidores e empresas,

prejudicados com os acontecimentos dos últimos tempos no porto de Ponta Delgada”. Questionado sobre a necessidade de um novo porto ou da expansão do mesmo, Mário Fortuna responde ao Diário dos Açores: Um novo porto não nos parece, na nossa perspectiva, mas justifica-se a ampliação do actual com um segundo molhe com a dupla função de proteger o centenário molhe actual das novas tempestades extremas (não vá a acontecer em Ponta Delgada o que aconteceu nas Flores) e de proporcionar novos espaços operacionais principalmente para as operações de granéis e, eventualmente, da pesca. A ideia não é nova e já teve pré-projecto da Consulmar, de 2004. A inércia governativa e as opções políticas, perante a passividade dos stakeholders micaelenses, não nos levou a lado nenhum, daí que estamos, hoje, num contexto que será, no mínimo, confrangedor de subdesenvolvimento pese embora os recursos de que “beneficiamos” ao longo de muitos anos”.